



DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19: DESAFIOS E EXPECTATIVAS

Ao longo dos anos, o impacto negativo das ações humanas no meio ambiente, destacando-se a mudança climática antropogênica, torna-se visível a “olho nu”. Além disso, conflitos armados e guerras, mudanças nos padrões do uso da terra, níveis sem precedentes de migrações de pessoas e desigualdades sociais não apenas fragmentam a paisagem, como também representam grandes ameaças à saúde e ao bem-estar. Esses determinantes contribuem, direta ou indiretamente, para o agravamento de problemas de Saúde Pública que afetam globalmente bilhões de pessoas, com destaque para a gama de doenças endêmicas, emergentes e reemergentes, negligenciadas ou não. Diversos são os agentes com potencial ação biológica infecciosa sobre o homem, incluindo vírus, bactérias, fungos, protozoários, parasitas ou entidades acelulares como os príons. Muitas dessas doenças têm carga global significativa e são desproporcionalmente e injustamente distribuídas como consequência das condições ambientais e socioeconômicas em que vivem os mais pobres, e, por conseguinte, os problemas de saúde e deficiências que acarretam são pontualmente os principais fatores que confinam os pobres à pobreza, em um ciclo infundável de desajustes.

O controle das doenças negligenciadas foi firmemente incorporado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), refletindo o compromisso de olhar no mais além, ainda que em estreitos desfiladeiros, e perscrutar por um horizonte melhor para todos. Comprometendo a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável

adotada por 193 Estados Membros da ONU, a COVID-19 (CoronaVirus Disease 2019), zoonose emergente pandêmica, coloca em risco esse plano universal e participativo. Governos, sociedade civil, iniciativa privada e instituições de pesquisa dariam continuidade e ampliariam o escopo da Agenda de Desenvolvimento do Milênio (2000-2015), a qual engloba a boa governança em todos os níveis, incluindo o desenvolvimento econômico, a paz e a segurança bem como a sustentabilidade ambiental e a erradicação da pobreza, da miséria, da fome e das desigualdades sociais.

É preciso pensar e avaliar o enorme impacto que a COVID-19 trará à humanidade. A pandemia contribui para aumentar as lacunas e as fragilidades dos mais “invisíveis”, os menos favorecidos, mesmo em países com economias mais estáveis. É concebível que a desaceleração econômica arraste milhões de pessoas para uma pobreza ainda maior, aumentando a suscetibilidade dos mais vulneráveis às doenças negligenciadas. Por outro lado, a pandemia inflige mudanças e ajustes nos sistemas de saúde necessários para minimizar a transmissão do vírus e fornecer cuidados adequados às pessoas infectadas. Isto posto, com a ênfase na pandemia, o desvio de recursos financeiros e humanos, tão limitados e tão necessários, certamente irá impactar no cuidado e controle das doenças infecciosas e parasitárias.

A Revista Unimontes Científica (RUC), ciente de seu papel de produzir, agregar e difundir conhecimentos, manifesta a responsabilidade com os cuidados essenciais de saúde mesmo

em face dos enormes desafios impostos pela pandemia do novo coronavírus. E, através do dossiê temático – Doenças Infecciosas e Parasitárias, afirma o compromisso da Universidade em intervir positivamente na cultura, no bem-estar e na saúde de toda a sociedade. Não fecharemos os olhos diante da tragédia presente, do perigo iminente e das consequências deletérias em longo prazo que a pandemia suscitará na Saúde Pública.

Não sendo negligentes aos efeitos da COVID-19 nas doenças negligenciadas, convidamos os leitores, sob os óculos da ciência, a se dedicarem à leitura dos seletos artigos contemplados no dossiê. Através dos dados da Coorte SaMi-Trop – Centro de Pesquisa em Medicina Tropical de São Paulo – Minas Gerais, deparamos com os aspectos sociodemográficos da doença de Chagas na nossa região, com as dificuldades de acesso aos serviços de saúde e como a falta de conhecimento e/ou atualização sobre o tema por parte dos profissionais de saúde podem impactar na morbimortalidade da doença. No mundo dos protozoários do gênero *Leishmania*, defronte à possibilidade de uma doença de impacto psicossocial pelos estigmas das cicatrizes, é possível conhecer os aspectos clínico-epidemiológicos da leishmaniose tegumentar e sua distribuição espacial no Norte de Minas Gerais. Nesse tópico, outro trabalho revisa os aspectos imunológicos tanto das leishmanioses dermatópicas quanto viscerotrópicas. No universo das infecções fúngicas, a preocupação com a necessidade de otimizar os recursos diagnósticos é explicitada em trabalho realizado em hospital de referência em oncologia pediátrica; uma série de casos aborda as neuromicoses em unidade oncológica e um relato apresenta caso de histoplasmoses em paciente com imunodeficiência induzida por medicamentos. Além disso, essa edição traz trabalho relevante sobre o aumento da tuberculose resistente e multirresistente no Brasil, destacando a fragilidade do sistema de saúde em manejar

eficientemente os casos diagnosticados. Um trabalho sobre a recorrência do sarampo, correlaciona o aumento do número de internações e da taxa de mortalidade com o decréscimo na cobertura vacinal e desperta para a necessidade de um plano de ação para impedir novas epidemias. Ainda, é possível conhecer a epidemiologia dos pacientes com HIV atendidos em centro de referência, atentar para as infecções oportunistas mais prevalentes e para a importância de revisar a terapia antirretroviral, visando a otimização do tratamento e a redução da evasão. Trabalho de revisão destaca o aumento do número de casos de sífilis gestacional e congênita na última década, estando associado às mulheres com baixa escolaridade, vulnerabilidade socioeconômica, em uso de drogas ilícitas e autodeclaradas pretas ou pardas. Além de tudo, os aspectos epidemiológicos e econômicos da febre hemorrágica da dengue demonstram altas taxas de internação no Brasil entre 2017 e 2019, advertindo-nos sobre a necessidade do aprimoramento de políticas públicas que visem o controle vetorial e o diagnóstico e manejo precoces. Por fim, como um alento, a “História em quadrinhos como ferramenta para o ensino e aprendizagem sobre o novo coronavírus” nos ensina sobre a importância de saber transmitir as informações para a população e nos inspira para que possamos desenvolver criativamente novas abordagens educacionais e de comunicação.

Diante do exposto, as pesquisas, as medidas preventivas e os cuidados com as doenças infecciosas e parasitárias necessitam ser considerados essenciais nas unidades de saúde. Ademais, nesse contexto, os esforços da sociedade, dos órgãos de gestão e dos profissionais da saúde precisam estar hibridamente integrados às demandas comunitárias da COVID-19. “Como um patógeno entra em uma célula?” “Como ocorre a multiplicação viral?”, ou “O que é ser um humano?” são saberes que potencialmente podem salvar vidas. Eis aí outro grande

desafio: olhar para o “pequeno” SARS-CoV-2... que se fez “grande”! Olhar para a terra! Olhar para a própria casa e para o prato... o nosso, o do outro! Uma tragédia não exclui a outra. Com os olhos de quem não quer enxergar, marcharemos pelos caminhos da insensatez, repetindo a história desastrosamente, alimentando-nos de desumanidades? Ou aprenderemos a essência do que é ser humano, transformando os desafios em oportunidades? Por nos ajudarem a responder essas e tantas outras questões, a RUC agradece a todos os autores e colaboradores que empenharam o tempo na construção de saberes e que submeteram artigos que, por seus valiosos conhecimentos,

trarão benefícios imensuráveis no âmbito intelectual, social e da saúde. Se o combate às doenças negligenciadas já era por si só um grande percalço, agora, em tempos de pandemia, só a sinergia de esforços, sob a luz da ciência, poderá mostrar as melhores estratégias para uma abordagem multidisciplinar abrangente e eficaz. O cerne da reflexão deve passar pela compreensão lúcida, clara e embasada do que precisa ser valorizado e financiado prioritariamente e muitas são as áreas do conhecimento que podem contribuir de modo significativo para a promoção da saúde, a prevenção de doenças e a construção de um mundo mais luminoso, equânime, sustentável e saudável.

Prof. Dra. Thaísa Soares Crespo
Editora Adjunta da RUC

Prof. Dra. Alessandra Rejane Ericsson de Oliveira
Editora Chefe da RUC